

PARA LER, ENSINAR, PESQUISAR LITERATURAS INDÍGENAS NO BRASIL

TO READ, TEACH, RESEARCH INDIGENOUS LITERATURES IN BRAZIL

Maria Amélia Dalvi*
Ozirlei Teresa Marcilino**
Suzane Lima Costa***

Tratar da literatura de autoria indígena produzida e veiculada nas últimas décadas no Brasil é reconhecer tanto a insurgência de um amplo território de possibilidades para releituras críticas, teóricas e metodológicas do que entendemos como literatura, quanto o levante de estudos produzidos por pesquisadores indígenas e não indígenas para difundir outros valores, sentidos e presenças aos saberes literários que circulam nas escolas e nas universidades brasileiras sob a assinatura individual ou coletiva de artistas, escritores e outros intelectuais indígenas.

De Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Graça Graúna a Vitor Tuxá, Jaider Esbell e Uyra (e tantos outros escritores), passando pelos cineastas indígenas, pelos coletivos de artistas visuais nas aldeias (como o movimento dos artistas

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). maria.dalvi@ufes.br

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). ozirlei.marcilino@gmail.com

*** Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). suzanelimacosta@gmail.com

Huni Kuin) até chegar às performances da palavra-corpo dos anciões e pajés, a autoria indígena movimenta uma série de conceitos e práxis que nos fazem pensar: Como essa literatura é? O que ela pode? Quais as implicações dessa literatura quando em diálogo, em atrito ou em outros afetos com as demais narrativas do mundo?

Parte da resposta a essas questões exige de nós um generoso e crítico deslocamento dos lugares que comumente acessamos para pensar as tradicionais noções de obra, autor ou gênero literário ou para buscar a ideia de sentido, de poética, da relação espaço/tempo ou da (não) construção do personagem nos escritos. Numa alternância um pouco mais radical, a exigência estaria, frequentemente, em perguntar: O que essa literatura faz? Quais os deslocamentos, os outros modos de criar sentidos e presenças que essas literaturas provocam?

Diante das largas discussões que envolvem autoria, memória, mercado editorial, oralidade, contracolonialismos, também uma série de possibilidades teóricas de leituras vêm sendo mobilizada por estudiosos que compreenderam dois importantes movimentos para pensar as literaturas de autoria indígena: 1. Chamar de literaturas sem precisar criar justificativas para isso ou mesmo recorrer à sua origem oral; 2. Criar expansões para a presença dessas literaturas na historiografia das literaturas brasileiras, conseqüentemente, na nossa história cultural e política.

A criação literária para os povos indígenas deve perpassar o direito à educação na própria língua, que foi negada por um longo tempo a muitos povos, que estão agora a reconstruí-la coletivamente. Por meio dos esforços de resistência das comunidades indígenas de todo o planeta, a literatura dos povos indígenas tem ocupado seu espaço, diariamente. Os/as escritores/as indígenas assumem-se como pontes entre a escrita e a oralidade, o canto ancestral e a realidade contemporânea, entre presente e passado, entre povos indígenas e sociedade ocidental.

Assim, noções como ecoliteraturas (GRAÚNA, 2013), poéticas do eu/nós (DORRICO, 2021), miração (TUKANO, 2021), povo-autor (COSTA, 2018), literaturas da floresta (SÁ, 2012), imagens desocidentadas (ALMEIDA, 2009), literaturas pós-etnográficas (OLIVEIRA, 2021), por exemplo, são postas em circulação para demonstrar o que essa literatura, que cabe muito mais fora dos livros do que dentro deles (COSTA, 2023), faz quando a voz, a performance e a memória ganham as letras como suporte, ou, paradoxalmente, para dizer o que podem as letras diante do desafio da escrita que é corpo.

Outros importantes movimentos são criados por uma série de programas, projetos e ações coletivas que coloca a autoria dos indígenas em circulação pelo Brasil através da produção de materiais didáticos autorais (como o programa saberes indígenas nas escolas), ou como resultados dos trabalhos de conclusão de curso de estudantes indígenas formados tanto pelo magistério indígena quanto pelas licenciaturas interculturais indígenas. Uma literatura que nos impõe a necessidade de voltar às imagens de indígenas produzidas por não indígenas ao longo da história da literatura no Brasil, para revisar o modo como essas imagens produziram no imaginário coletivo o fenótipo ‘índio’ e toda uma teia de estereótipos a partir dele - uma reprodução que ainda se repete em materiais didáticos, em discursos midiáticos, em práticas legislativas, em políticas públicas, em ações políticas e na produção editorial, inclusive, de algumas narrativas de autoria indígena.

Atualizar os debates existentes, apresentando outras formas de leituras críticas e teóricas às literaturas de autoria indígena que vêm sendo produzidas e recepcionadas nas escolas e universidades públicas, é o objetivo deste dossiê, composto por artigos de autores de todas as cinco regiões do país, vinculados a diferentes instituições de educação básica e superior. Essa diversidade regional e institucional bem como a variedade dos temas contemplados pelos artigos indica a amplitude e o alcance do debate para o qual o presente número da revista Contexto, com o dossiê “Literaturas indígenas nas escolas e

universidades do Brasil: presenças/ausências, circulação e principais abordagens teóricas e metodológicas”, aponta.

O artigo que abre o volume, intitulado LITERATURA INDÍGENA E TEORIA LITERÁRIA: A ANÁLISE DE UMA VOZ-PRÁXIS MILITANTE, de Igor Marangon e Adriana Lins Precioso, ambos vinculados à Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), revisita alguns conceitos fundamentais da teoria literária, problematizando-os e reorientando-os aos estudos das literaturas indígenas, desde a questão atinente à criação de uma voz-práxis estético-literária. Na sequência, os autores, em um gesto epistêmico-metodológico que retoma e dialoga com reflexões de Munduruku (2016), Danner, Dorrico e Danner (2018, 2019) e Graúna (2013), sugerem possibilidades para a análise de obras indígenas, enfatizando a insuficiência de conceitos hauridos à teoria literária tradicional, em face das especificidades de tais criações.

7

O texto seguinte, A LITERATURA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES E PROPOSTA DIDÁTICA, de Ananda Castro e Elis Regina Fernandes Alves, vinculadas à Universidade Federal do Amazonas (Ufam), defende que a literatura indígena é uma ferramenta para compreender aspectos culturais, históricos e linguísticos do Brasil, por meio da explicitação de costumes e modos de organização dos povos originários e de superação de discursos estigmatizantes eurocêntricos. Para tanto, as estudiosas empreenderam uma breve revisão bibliográfica acerca da circulação e da importância dessa literatura nas escolas de educação básica, dialogando também com documentos oficiais. Ao final de seu trabalho, sistematizam uma proposta didática que, além dos conteúdos literários, possa contribuir para a superação de preconceitos étnico-raciais.

Em ANCESTRALIDADE E ORALIDADE NOS POEMAS DA AUTORA INDÍGENA JOSÉPHINE BACON, Bartira Zanotelli Dias da Silva e Michele Freire Shiffler, vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), revisita a obra da poeta indígena canadense Josephine Bacon - importante voz da literatura

francófona contemporânea e das literaturas indígenas americanas, como herdeira da literatura oral *innu*. A estudiosa analisa a escrita de Bacon a partir de teorias da performance, por considerar que há traços marcantes de literatura oral e performática nesta produção poética, que tematiza ancestralidade e vivências pessoais e comunitárias e que produz, assim, um olhar sociopolítico.

No quarto texto do dossiê, ENCANTOS DA LITERATURA INDÍGENA: UM SABER PARA ALÉM DA SALA DE AULA, Bruna dos Santos Almeida, Dieimisom Sfair dos Santos e Natali Fabiana da Costa e Silva, vinculados à Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá, apresentam e discutem, em suas dimensões teórico-práticas, o projeto “Encantos da Literatura e Arte Indígena”, elaborado e executado por professores e pesquisadores indígenas na Terra Indígena Uaçá, em Oiapoque, visando à formação de cidadãos conscientes e culturalmente sensíveis.

O artigo ANÁLISE DOS CONTOS “HARIPORIA, A ORIGEM DO AÇAÍ” E “AMOR ORIGINÁRIO”: REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA, de Celiane da Silva Vieira e Ozirlei Teresa Marcolino, vinculadas à Universidade Federal do Espírito Santo, analisa dois contos - “Hariporia, a origem do açaí”, de Tiago Hakiy; e “Amor Originário”, de Aline Ngrenhtabare Kayapó e Edson Kayapó - integrantes da antologia de literatura indígena intitulada *Nós*, tendo em vista as potencialidades do texto para uma educação escolar que transcenda o etnocentrismo. A fundamentação teórica quanto à literatura é oriunda de autores como Graça Graúna (2014) e Tiago Hakiy (2018); já em relação às práticas pedagógicas, as autoras dialogaram com uma perspectiva de ensino que tem como horizonte teórico a interculturalidade. As conclusões apontam para as possibilidades de trabalho pedagógico com os contos analisados, enriquecendo o conhecimento dos estudantes sobre a diversidade cultural brasileira, especialmente aquela de origem indígena.

Com base em um relato de experiência docente no ensino superior, ESTUDOS DE LITERATURAS INDÍGENAS NO BRASIL: ELABORAÇÃO E OFERTA DE UM

COMPONENTE CURRICULAR PARA UMA LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM LINGUAGENS, de autoria de Gabriela Rodella de Oliveira e Sérgio Barbosa de Cerqueda, ambos vinculados à Universidade Federal do Sul da Bahia, sistematiza uma reflexão sobre o processo de elaboração e de oferta do componente curricular “Estudos de literaturas indígenas no Brasil”. Tal componente visou a atender, simultaneamente, à legislação em vigor e à demanda pela abordagem das literaturas indígenas na formação acadêmica de futuros/as professores/as de língua portuguesa e literatura para a educação básica. Segundo o relato dos autores, esse novo componente passou a se fazer presente a partir de 2023, no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e suas Tecnologias (LILT) do Campus Sosígenes Costa (CSC) da instituição à qual são vinculados, na cidade de Porto Seguro (BA). Os autores contextualizaram a fundação da Universidade, explicitando as razões para a territorialização de seus cursos, visando à inclusão dos/as habitantes da região no ensino superior. Evidenciaram, em seguida, a cultura indígena no sul e extremo sul da Bahia, exemplificada pelas duas edições do Festival Caju de Leitores em Caraíva, distrito de Porto Seguro. Por fim, mobilizaram relações entre essa cultura e a reformulação curricular na qual o componente curricular “Estudos de literaturas indígenas no Brasil” foi incluído.

9

Já Gabriela Maria Pinho Lins Vergolino e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, vinculadas à Universidade Federal da Bahia, contribuem para o avanço dos debates sobre a relação entre universidade e saberes indígenas de natureza performática, por meio do artigo SABERES INDÍGENAS NA ACADEMIA: A ORALITURA COMO MEIO DE DIFUSÃO DE CONHECIMENTO, ao tematizarem a chamada “oralitura”. Afirmam que as comunidades indígenas, por meio do que denominam “oralitura”, resgatam memórias e linguagens (orais e corporais) alternativas, difundem conhecimentos e resistem às opressões impostas pela colonização e pelo capitalismo. O trabalho, lastreado em teorias críticas e decoloniais, visa a romper com opressões e silenciamentos pela valorização da

diversidade de saberes e a fomentar a defesa de direitos humanos dos povos indígenas, especialmente através da educação.

Ainda em perspectiva decolonial, A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA PARA ALÉM DA FORÇA DA LEI: DECOLONIZAR O ENSINO DE LITERATURA, de Izandra Alves e Lívia Linke, vinculadas ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, discute o ensino de literatura de temática indígena na escola em correlação com a formação de professores, tendo em vista a Lei n. 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino escolar da Cultura e da História Afrobrasileira, Africana e Indígena. O trabalho das autoras parte dos conceitos de colonização, de Alfredo Bosi, e de decolonialidade, de Aníbal Quijano, para uma leitura dialogada de *Carta*, de Pero Vaz de Caminha; de *A terra dos mil povos: história indígena contada por um Índio*, de Kaká Werá Jecupé; e do relato de uma experiência vivenciada por estudantes do Curso de Licenciatura em Letras, junto a um acampamento indígena. Nas suas conclusões, as estudosas evidenciam a necessidade de que os indígenas assumam o protagonismo de suas histórias.

Dando sequência ao debate sobre o protagonismo indígena, TEORIZAÇÕES SOBRE A LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA NO BRASIL: DE OBJETOS A SUJEITOS DA LITERATURA E DA TEORIA LITERÁRIA, de Rafael Guimarães Tavares da Silva, vinculado à Universidade Estadual do Ceará, reflete sobre a presença (ou não) de autores indígenas em espaços destacados de produção do conhecimento ao longo da história do país. Defende, em seu artigo, a ideia de que a Literatura desempenhou (e ainda desempenha) um papel ambíguo na relação entre a cultura oficial brasileira e as populações autóctones, estas últimas entendidas como objetos (e não como sujeitos) do discurso literário. Postula, ainda, que, a partir do momento em que passam a reivindicar o lugar de sujeitos produtores de literatura, essas estruturas são denunciadas e enfrentadas; assim, exemplifica, a partir da análise de trechos de autoria indígena (como os de Ailton Krenak, Kaka Werá Jecupé e Eliane Potiguara) que a produção literária de autoria indígena opera uma série de transformações no interior da própria Literatura, levantando questionamentos profundos sobre as fronteiras e

hierarquias modernas entre escrita e oralidade, palavra e grafismo, assinatura e anonimato, individualismo e coletividade, inovação e tradição.

Fechando o dossiê, EXPLORANDO AS NARRATIVAS INDÍGENAS: O PAPEL ENRIQUECEDOR DA ANÁLISE DIALÓGICA, de Silvely Brandes, vinculada à Universidade Estadual de Ponta Grossa, aproxima as perspectivas de alguns escritores indígenas de concepções de literatura, discurso e palavra, presentes nas elaborações teóricas do Círculo de Bakhtin. Defende que a análise dialógica evidencia diálogos interculturais presentes na literatura indígena; possibilita que os leitores percebam que lugares ocupam na relação com essas produções e participem dos diálogos interculturais. Para fins de exemplificação, analisa trechos da obra *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguara (2004), concluindo favoravelmente à possibilidade de uma análise da literatura indígena que seja coerente com os propósitos dessa literatura, desde que os princípios de dialogia e interculturalidade sejam respeitados.

11

Finalizando esta apresentação, agradecemos ao colegiado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, que acolheu nossa proposta de dossiê temático; ao editor-gerente da revista Contexto, na pessoa do prof. Dr. João Claudio Arendt, e sua equipe de trabalho, pela presteza, eficiência e apoio no processamento editorial dos trabalhos; aos pesquisadores-autores que submeteram seus trabalhos em atendimento à nossa convocação - alguns dos quais, infelizmente, por variadas razões, não pudemos acolher neste número; e, enfim, aos leitores interessados na requalificação dos debates sobre as relações entre literaturas indígenas e processos de ensino-aprendizagem e pesquisa.

Referências

ALMEIDA, Maria Inês. *Desocidentada*: Experiência literária em terra indígena. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2009.

DORRICO, Julie. A literatura indígena contemporânea no Brasil: a autoria individual e a poética do eu-nós. (Tese Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, 2021.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

COSTA, Suzane Lima. Literatura na Bahia dos Índios: do povo-autor à autoria sem adjetivos. In: SILVA, Jorge Augusto (Org.). *Contemporaneidades periféricas*. Salvador: editora Segundo Selo, 2018.

COSTA, Suzane Lima. Outros lugares da literatura de autoria indígena no Brasil. *Revista Todas as Musas* (São Paulo), n. 02, V. 14, p. 124-140, Jun, 2023.

OLIVEIRA, Eduardo Jorge de. Literaturas pós-etnográficas: uma leitura de “A queda do céu”, *Brésil(s) [En ligne]*, 3 | 2020. URL : <http://journals.openedition.org/bresils/8842>

SÁ, Lúcia. *Literatura da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

TUKANO, Daiara. In: OSE, Elvira Dyangani (Ed.). *34ª Bienal de São Paulo: Faz escuro, mas eu canto: catálogo*. Vários autores. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2021.